

Particularidades humanas e internet (Dois caminhos da “realidade”)

De uma forma geral, estamos habituados a considerar realidade toda a exterioridade que nos cerca: a sociedade, as instituições, as pessoas com seus costumes e tradições, etc. Mas, se colocarmos esse entendimento convencional sob a luz de uma reflexão incomum, porém não menos sustentável, compreenderemos que a diversidade humana explica a diversidade comportamental, fragilizando a idéia de realidade (tornando-a convenção).

Uma pessoa com deficiência visual não interage com o mundo da mesma forma que eu, ela desenvolve habilidades que visam, de alguma maneira, a suprir a carência oriunda de sua particularidade; logo, não posso afirmar que “ela vive exatamente a mesma realidade que vivo”.

O avanço tecnológico pôde promover uma segunda forma de descaracterização e polivalência interpretativa do termo “realidade”. Na internet e suas salas de bate-papo, não sou uma pessoa, mas uma imagem construída com base em ideais (que objetivamente não se concretizariam, mas que, em função da virtualidade – na qual me separo dos demais por “um castelo de areia” – passam a existir).

O lado negativo dessa intervenção tecnológica em nossas vidas é a implementação de uma segunda subjetividade. Se a princípio o mundo nos é dado de acordo com nossa receptividade sensorial (e o deficiente visual nos serve de exemplo), com a internet nós elegemos uma descrição idealizada do que somos para os outros, surgindo, assim, o nosso imaginário como elemento “deformador” de nossa existência efetiva. Enfim, na internet, nós recebemos o virtual e, em resposta, virtualizamos o real, pois sua linguagem não ultrapassa esse patamar.

Autor: Carlos Alberto Leite de Moura
(adaptado do original)